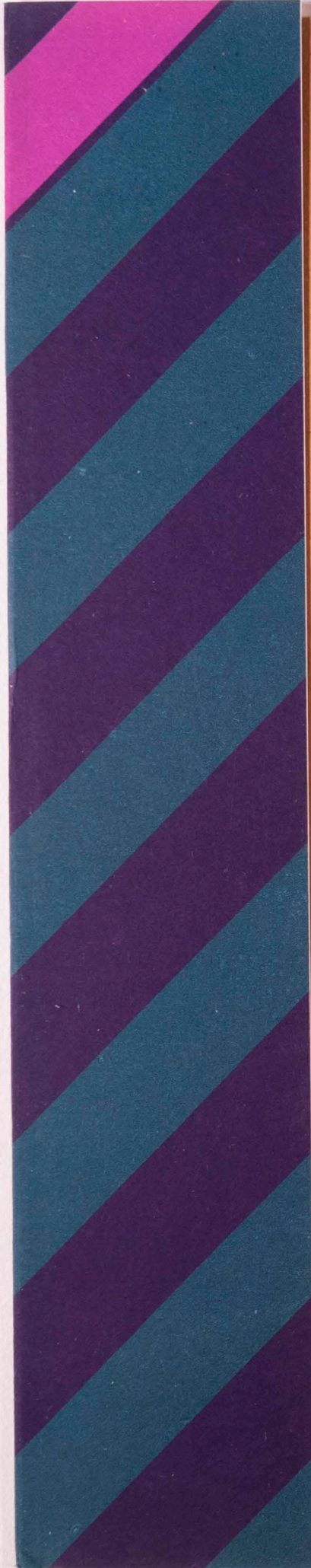


© GALERIA  
JIA  
GLOBAL

1976.014

Instituto de arte contemporânea



instituto de arte



contemporânea



# FRANS KRAJČBERG

## OBRAS

**26 DE OUTUBRO A  
12 DE NOVEMBRO  
1976**

**GALERIA ARTE GLOBAL  
AL SANTOS 1893 / SP**

## BIOGRAFIA

Nascido na Polônia em 1921.  
Naturalizado brasileiro.

1945/47 — Trabalha na Academia de Stuttgart sob a direção de Willi Baumaister.

1948/52 — Reside em São Paulo.

1952/56 — Isola-se na floresta brasileira no Paraná.

1956 — Retorna ao Rio de Janeiro.

1957 — Obtém o primeiro prêmio nacional de pintura na Bienal de São Paulo.

Obtém o primeiro prêmio do Salão de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

1958 — Parte para a Europa. Vive entre Paris e o Brasil depois desta data.

1964 — Prêmio da cidade de Veneza na Bienal de Veneza.

1973 — Prêmio de melhor exposição do ano de 1972 em São Paulo.

### Exposições individuais

- 1951 — Galeria Domus/São Paulo.
- 1952 — Museu de Arte Moderna/São Paulo.
- 1954 — Biblioteca Municipal/Curitiba.
- 1955 — Petite Galerie/Rio de Janeiro.
- 1956 — Galeria Gea/Rio de Janeiro  
Museu de Arte Moderna/São Paulo
- 1960 — Galerie XX<sup>e</sup> Siècle/Paris  
Galeria Bonino/Rio de Janeiro.
- 1962 — Galerie XX<sup>e</sup> Siècle/Paris  
Galeria Del Naviglio/Milão  
Galeria São Luis/São Paulo  
Petite Galerie/Rio de Janeiro  
Galeria 27/Oslo.
- 1963 — Galeria Ivan Spence/Ibiza/  
Espanha  
Galeria Casa de Brasil/Roma.

- 1964 — Petite Galerie/Rio de Janeiro  
Galerie La Hune/Paris.
- 1965 — Belo Horizonte  
Museu de Arte Moderna/Rio de Janeiro  
Galerie J/Paris.
- 1966 — Galeria Relevo/Rio de Janeiro.
- 1967 — Galerie Illien/Atlanta/Estados Unidos.
- 1968 — Galerie Maywald/Paris  
Galeria Barcinski/Rio de Janeiro.
- 1969 — Museu de Israel/Jerusalém.
- 1970 — Brasília  
Rio de Janeiro.
- 1972 — Espaço Pierre Cardin/Paris  
Galeria Múltipla/São Paulo.
- 1973 — Maison de France/Rio de Janeiro.
- 1974 — Museu de Arte Moderna/Rio de Janeiro.
- 1975 — Centro Nacional de Arte Contemporânea/Paris.

### Exposições coletivas

- 1950 — Exposição de artistas modernos brasileiros/S. Paulo  
Exposição do grupo Oficina de Arte/S. Paulo.
- 1951 — Salão de Arte Moderna/São Paulo  
Bienal de São Paulo.
- 1952 — Salão de Arte Moderna/São Paulo.
- 1953 — Salão de Arte Moderna/São Paulo  
Bienal de São Paulo.
- 1954 — Salão de Arte Moderna/São Paulo.

1955 — Bienal de São Paulo.

1956 — Petite Galerie/Rio de Janeiro.

1957 — Bienal de São Paulo  
Exposição do Prêmio Leiner/São Paulo  
6.º Salão de Arte Moderna/Rio de Janeiro

Exposição Arte Moderna do Brasil/  
Buenos Aires/Rosario/Argentina,  
Santiago, Lima.

1959 — Exposição Brasileiros de  
Paris/Paris.

1959/60 — Exposição Artistas  
Brasileiros/Munique, Paris e Lisboa.

1959 — Galerie Drian/Londres.

1961 — Galerie Rose Fried/New York.  
Bienal de São Paulo

Le Relief/Galerie XX<sup>e</sup> Siècle/Paris  
Salon Comparaisons/Paris

O resto e a obra/Instituto Brasil-  
Estados Unidos/Rio de Janeiro.

1962 — New Art of Brazil/Walker Art  
Center/Mineápolis/Estados Unidos

Artistes d'Amérique Latine/Museu de  
Arte Moderna da Vila de Paris

Le Relief/Galerie XX<sup>e</sup> Siècle/Paris  
Ecole de Paris/Galerie Charpentier/  
Paris

1973 — Bienal de São Paulo.

1964 — Aventura a Ibiza/Madri/  
Galerie Leicester/Londres

Bienal de Veneza  
Center for Advanced Creative  
Studies/Londers

1965 — Salon Comparaisons/Paris  
Pintores, Escultores, Gravadores  
Brasileiros/Galerie Cavalero/Cannes

Artistas da América Latina/Museu de  
Arte Moderna da Vila de Paris

Salon Comparaisons de Paris/Lisboa.

1965 — Table d'orientation provisoire  
pour une lecture de l'art d'aujourd'hui/  
Galerie Zunini/Paris.

1966 — Galerie Debré/Paris.

1967 — Formes et lieux/Galerie  
Maywald/Paris.

1968 — Exposição de branco/La Hune/  
Paris

Salon Comparaisons/Paris  
Salon de la Jeune Sculpture/Paris

Art vivant 1965/68/Fundação  
Maegh/Saint-Paul-de-Vence

1969 — Salão de Maio/Paris  
Arte de Matéria/Montreal

1970 — VIII Bienal de Menton  
Braselianische Tage/Ingelheim/  
Alemanha Federal.

1971 — Pintura e objetos/Museu  
Galliéra/Paris.

1973 — Vanguarda Internacional/  
Instituto Brasil-Estados Unidos/Rio.

1974 — Minimal Art/Museu de Arte e  
Indústria/Saint Etienne.



## APRESENTAÇÃO

Itinerante nato, Franks Krajcberg é como o vento — espalha-se entre a selva, o mar e o sertão do continente brasileiro. Há quase trinta anos que o vemos desbravar este país e ambientar-se perfeitamente a qualquer dos locais onde se encontra — e onde quer que esteja desenvolver com ávida alegria a sua imensa e original criatividade.

Krajcberg nunca teve uma morada só. Parece até mesmo capaz de estar no mesmo tempo em Paris, nas praias do nosso litoral, no Rio, em São Paulo e nas montanhas mineiras de Itabira e adjacências. Felizmente, porém, ele usa esse seu dom maravilhoso para nunca ficar por muito tempo ausente do Rio, que partilha com Paris o privilégio de abrigá-lo com maior frequência.

Empregando os meios plásticos mais diversos, Frans Krajcberg tem mantido uma fidelidade notável e uma concepção central excepcionalmente rica, construída em torno de uma pesquisa incessante de elementos da natureza, no reino mineral e no reino vegetal.

Suas longas estadias em Paris em nada prejudicam sua pesquisa do solo intocado pela tecnologia ou pela urbs, porque, convém repetir, ele tem o dom da ubiqüidade — e quando está em Paris está também, quase como um garimpeiro, a prescrutar as riquezas das Minas Gerais. Krajcberg parecer ser ubique também no tempo; parece viver nos tempos heróicos das minerações e das bandeiras, ou das grandes expedições botânicas e naturalistas, vivendo em cheio também os refinamentos e os progressos mais notáveis da modernidade.

A despeito do aprendizado artístico europeu e de uma certa influência de Baumaister, foi a paisagem brasileira que realmente marcou Krajcberg. Foi ela que revelou mesmo para ele algo aparentado à poética dos jardins de areia e musgo do Zen, — ou mais próximo da sua Polônia — dos cemitérios de cascalhos da Suécia.

Por volta de 1954 Krajcberg começou no Paraná sua intervenção sobre a natureza e na natureza, sem as violentas denúncias e os recursos fotográficos e conceituais da **land art** de hoje. Das simples pinturas das plantas sobre telas, Krajcberg caminhou por inúmeros procedimentos que, edonisticamente ou artisticamente, valorizavam as formas naturais de uma natureza luxuriante ignorada e seriamente ameaçada. Quase como um índio, Krajcberg prepara seus pigmentos cromáticos, com o que o solo ou o vegetal lhe oferece. Faz estudos quase cabalísticos sobre a associação justa e devida entre uma nova cor roubada à natureza e uma forma que vai colher na mesma fonte. Troncos de árvores que parecem sonhados por um Bernini, flores de pedra, folhas gigantes e outras coisas assim, ao mesmo tempo naturais e insuspeitas, são submetidas por Krajcberg a um processo exigente de depuração formal e de reconstituição segundo as leis que ele inventa, respeitando o mesmo mundo natural.

O êxito extraordinário da carreira de Krajcberg é por demais conhecido — e extenso — para ser descrito neste simples testemunho de um crítico brasileiro que esteve sempre ao lado do artista, mesmo quando as "vanguardas" que não comungavam com ele procuravam sabotá-lo. O Krajcberg atual prossegue tranqüilo e seguro em seu processo de reconstrução estética da forma natural. Continua a deixar claro que é a forma tendente ao exótico, a forma pelo menos barroca, na qual a natureza tropical é pródiga, que mais o atrai. Bem poucos artistas tomaram uma consciência tão nítida de nosso ambiente, e da exuberância formal e cromática que lhe é peculiar. Bem poucos artistas, nascidos aqui ou não, tornaram-se tão profundamente brasileiros quanto ele. A produção que Krajcberg nos mostra agora sublinha de maneira ainda mais forte a brasilidade independente de sua obra.

O artista continua a caminhar em direção da monumentalidade. Deixa claro ter compreendido que a aliança entre o monumental e o exuberante é difícil e perigosa. Mas deixa claro igualmente que encontra-se bem seguro de si mesmo ao enfrentar os desafios daquela aliança. Um dos métodos que Krajcberg segue para tornar o exuberante monumental é a reconstrução planejada de suas formas. O amor aos elementos naturais não significa um respeito cego a eles. Krajcberg reconstrói a forma natural para disciplinar sua exuberância, ou para conferir a ela a dimensão grandiosamente elaborada.

Aplica a troncos de árvores os instrumentos com os quais durante séculos ou milênios o homem trabalhou-os — sem agredi-los. Com troncos e raízes aéreas de uma grande árvore, reconstrói outra grande árvore, fiel ao original, mas fiel também às disciplinas exigidas pela criação estética. Nas gravuras prensadas aceita, porém, interferir de maneira mais drástica na forma natural. Mas mesmo nessas prensagens — quase-moldagens (algo novo no reino da gravura brasileira), Krajcberg introduz elementos disciplinadores. Cada peça do artista resulta extremamente "limpa" e auto-suficiente, na pureza formal a ela conferida.

Krajcberg continua ainda a comprazer-se em mostrar que a natureza imita a arte e a arte imita a natureza, mesmo em se tratando de formas abstratas. Um tronco de árvore é para ele, às vezes, um pouco de Max Bill — sem renúncia da tropicalidade. O artista não permite que a floresta esconda a árvore. Restitui-nos a árvore reconstruída pelo processo artístico; dá-nos quase uma idéia platônica da árvore do trópico. Krajcberg já há muito se havia firmado em trabalho de texturas, empregando mesmo esse trabalho para conferir, ou restituir, sensualidade a diversas de suas obras. É notável a exploração que faz agora de texturas de madeira. Este é certamente um dentre os vários sinais que dedica ao elemento natural em seu trabalho transfigurador.

Jayme Mauricio



instituto de arte contemporânea

Natureza — cultura, arte-artesania, utilitário-suntuário, fazer-conhecer, individual-coletivo, único-múltiplo, sensorial-racional, coacto-lúdico — tantos pólos pensáveis possíveis. O que aqui se oferece — à contemplação, manipulação, gozo, admiração, desfrute, sensualização, degustação, imaginação, recriação, criação — provém de invenções que o acaso — filho-pai da necessidade — juntou nessa vida humana nominada — Frans Krajcberg — e milhões e bilhões de vidas e não-vidas inomináveis, que vão desde homens e animais até plantas e minerais. Mas se se pode buscar uma constelação de sentidos que mais se aproxime da materialidade-vitalidade deste objeto — cápsula, casulo, moldura, escrínio —, talvez nada o diga melhor do que a que se associa ao poema de Manuel Bandeira "A Mata":

**(A mata agita-se, revolteia, contorce-se toda e sacode-se)**

em que o Poeta lhe sente algo:

**(A mata hoje tem alguma coisa para dizer.)**

.....  
É a vez de entrar. Polpa papirácea, papel, planície em que palpitam pontos pretos mensageiros, herméticos ou angelicais, cifras ou anunciações. É a vez da sabedoria artesanal afoita e comedida, insolvendo, solvendo, resolvendo a proposta, o projeto, a prova — a contraprova deste armário-armorial.

E dentro, de novo, de polpa, de papel, essas flores-fósseis esculturais, colhidas e sofridas pelo ânimo pela ânima, pela alma de Frans Krajcberg.

Antônio Houaiss

Este primeiro **Livroarte**, publicado pelas Edições Alumbamento, tem tiragem limitada a 80 exemplares. Cada exemplar constitui uma obra única e consta de uma escultura original, duas gravuras numeradas e assinadas por Frans Krajcberg e um texto de Antônio Houaiss.

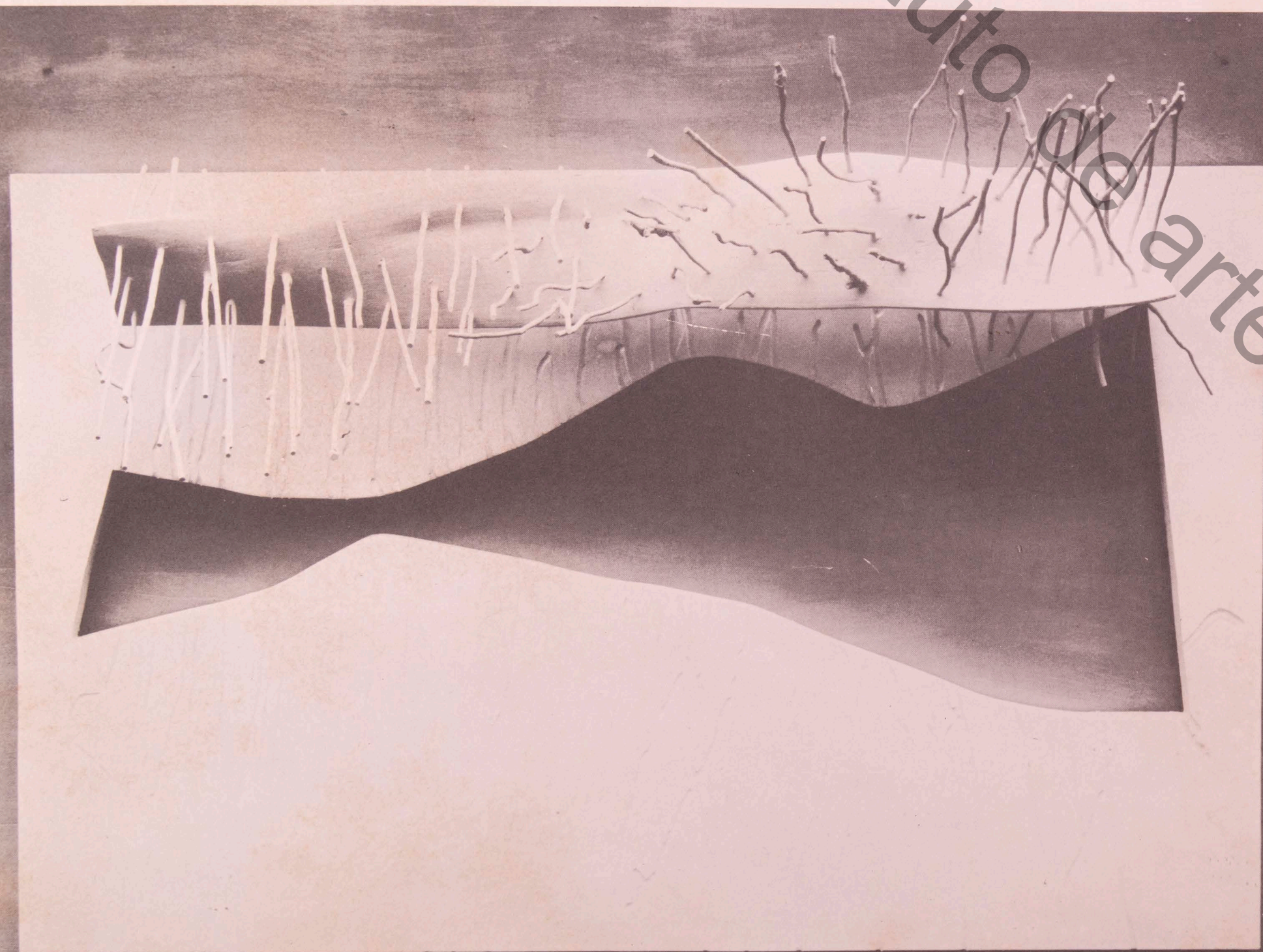
Esse conjunto, a ser afixado na parede, apresenta externamente uma caixa em madeira da Bahia (no formato 60 cm x 40 cm) e uma escultura de Krajcberg, realizada em Nova Viçosa. Essa escultura é removível e a caixa, então aberta, coloca à mostra o livro com sua encadernação e texto impressos em serigrafia e tipografia sobre papel Fabriano. Além do texto de Antônio Houaiss, por ele assinado, compõem o livro também duas gravuras em relevo em papel japonês, com numeração idêntica à do exemplar, assinadas pelo artista.

A Livroarte Editora reserva-se todos os direitos pelo **Livroarte**.

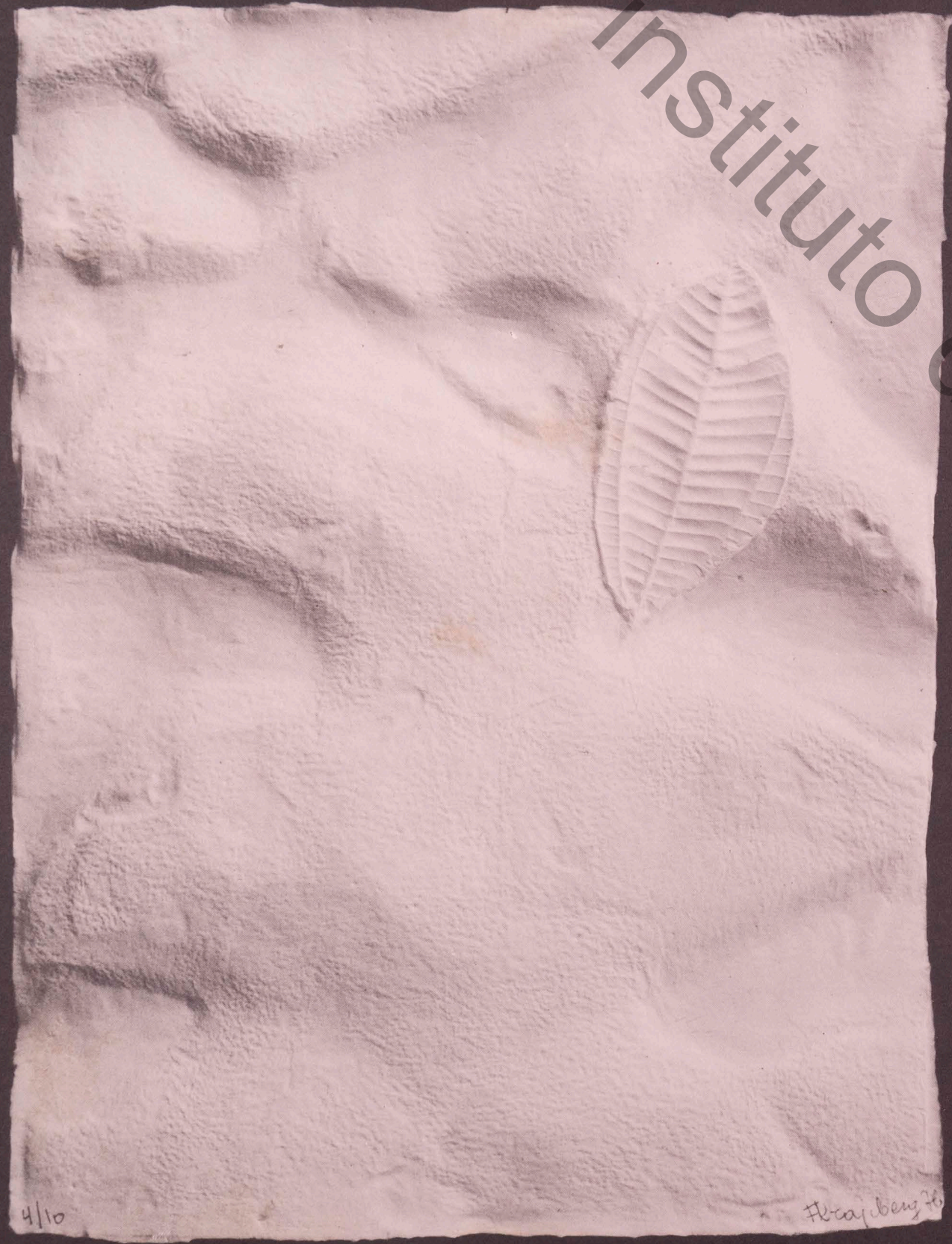
LIVROARTE DE FRANS KRAJCBERG com  
escultura, gravuras e texto de Antônio Houaiss



instituto de arte contemporânea







## CATÁLOGO

- 2 Esculturas
- 5 Relevos de parede
- 10 Relevos de papel
- 20 Livros-Arte

Edição  
Galeria Arte Global  
Alameda Santos 1893/SP

Direção  
Franco Terranova

Direção Executiva  
Raquel Arnaud Babenco

Programação Visual  
Fernando Lemos

Gráfica Impressores/SP

Fotografia  
Romulo Fialdini

instituto de arte  
contemporânea

instituto de arte contemporânea